

abre outra vez. Só uma pequena parte do que é dito pode ser comprovada. Como, por exemplo, quando ouve, Estás deitado no escuro. Então tem que reconhecer a verdade do que é dito. Mas, sem dúvida, a maior parte não pode ser comprovada. Como, por exemplo, quando ouve, Viste a luz pela primeira vez em tal e tal dia. Algumas vezes as duas afirmações estão associadas como, por exemplo, Viste a luz pela primeira vez em tal e tal dia, e agora estás deitado no escuro. Um artifício, talvez, para que a incontestabilidade de uma ganhe crédito para a outra. Essa, pois, é a proposta. Uma voz que fala do passado, a alguém deitado no escuro. Com uma alusão ocasional ao presente, e, o que é mais raro, ao futuro, como, por exemplo, Vais acabar como estás agora. E, em outra escuridão ou na mesma, um outro, criando tudo para ter companhia. Deixa-o depressa.

O USO DA SEGUNDA pessoa caracteriza a voz. O da terceira, aquele outro, o intruso. Se ele pudesse falar a quem e de quem fala a voz, então haveria uma primeira. Mas não pode. Não o fará. Não podes. Não o farás.

ALÉM DA VOZ e do leve rumor de sua respiração, não há som. Nenhum, ao menos que ele ouça. Disso tem certeza, pelo leve rumor de sua respiração.

EMBORA NÃO seja dado a especulações, agora ainda menos do que sempre, algumas vezes não pode deixar de especular se é realmente com ele e dele que a voz está falando. Não é possível que haja um outro com ele, no escuro, com quem e de quem a voz esteja falando? Não estará, por acaso, surpreendendo uma mensagem que não lhe é destinada? Se está só e deitado no es-